

Nietzsche

e a desconstrução da modernidade*

Celso Candido

"Morrer pela verdade. - Não nos deixaríamos queimar por nossas opiniões: não estamos tão seguros delas. Mas, talvez, por podermos ter nossas opiniões e podermos mudá-las."

Nietzsche

Nietzsche é um pensador desconcertante. Não podemos nos aproximar dele sem ter a sensação de que o solo nos escapa sob os pés. Não se passa por um grande pensador impunemente.

Para Deleuze, Nietzsche, junto com Freud e Marx, teriam definido o essencial na cultura moderna, salientando, entretanto, o fato de que o primeiro faria parte de uma *contracorrente* cultural.

A influência de Nietzsche no pensamento ocidental foi considerável. A começar por Freud que encontrou em Nietzsche a expressão mais adequada para definir a "parte obscura da mente", a fonte desejante, o elemento inconsciente - o Id. Nietzsche foi também inspirador de filósofos contemporâneos da altura de Heidegger, Foucault e Bataille, entre muitos outros.

No Brasil, se destacam no estudo e na interpretação de sua obra - precedidos por Antônio Cândido -, Scarlett Marton, Roberto Machado e Oswaldo Giacóia. Eles atualizaram o pensamento nietzscheano no Brasil, sobretudo nas últimas duas décadas. Caetano Veloso chegou a cantá-lo como o "profeta sem

morada" em uma bela canção chamada *Peter Gast* (músico e grande amigo de Nietzsche).

Diferentemente de Marx que centrou sua atenção principal no âmbito da crítica da economia política, Nietzsche abriu suas baterias contra os valores modernos dominantes, construindo, desta forma, uma crítica monumental a partir da sua "genealogia da moral" do senhor e do escravo e seu projeto de uma "transvaloração de todos os valores".

Nietzsche negou o idealismo socrático-platônico que funda a cultura ocidental e lutou para trazer a filosofia à vida, a torná-la máquina viva de produção de sentido e de singularidade. Lutou pela dignidade e afirmação da terra e do corpo. De certa forma tentou um retorno pré-socrático. Ele procurou refutar os grandes ideais da modernidade, como por exemplo, a democracia (não em nome do totalitarismo, mas, ao contrário, de uma república aristocrática), o socialismo ("o irmão mais jovem do já quase decrépito despotismo") e o liberalismo e a vulgaridade utilitária ("a moral dos escravos é essencialmente uma moral utilitária"), a felicidade, a comodidade e a segurança do "animal de rebanho", como *ideais da decadência*.

É verdade que talvez tenha cometido certos exageros (tanto quanto Marx ou Freud). E ainda bem! Pois que seria de um pensador digno deste nome que nunca exagerasse nas suas finas medidas?

Nos limites deste artigo, pelo menos dois conceitos essenciais no pensamento nietzscheano devem ser referidos: o *Eterno Retorno* e a *Vontade de Poder*.

O *Eterno Retorno* representa a concepção fundamental do *Zaratustra*, o Super-homem. É a teoria moral da suprema afirmação da vida, no seu bem e seu mal. A vida como valor supremo. A afirmação do desejo e da potência do agir. É o ideal da alma nobre e forte. Aquela que se diviniza a si e diz sim ao vivo e ao vivido, ao devir. Diz sim mesmo ao sofrimento, ao caráter trágico da existência. Em oposição a uma moralidade escrava que diz *essencialmente* não, a moral do ressentimento.

A *Vontade de Poder* por sua vez é um conceito - parcialmente situado na perspectiva de Schopenhauer - através do qual Nietzsche pretende dar conta da essência da vida, do fundo de onde germina a vida. Onde há vida, movimento, existe vontade de poder. A vida é *vontade de potência*. Eliminar esta dimensão da vida, como pretenderia um certo sentimentalismo, seria como querer amputar um órgão vital.

O encontro com a filosofia de Nietzsche é desconcertante não somente pela sua dura crítica ao *modo de valorar e viver* moderno, mas também pela desconstrução do *modo de pensar* tradicional.

Em Nietzsche o pensamento é força, desejo ativo. É um pensamento nômade. Agora o monumental edifício da filosofia ocidental corre o risco de ver corroído seus próprios fundamentos. Pelo menos desde Aristóteles filosofia foi predominantemente sistema, coerente e totalizante da realidade. Ela sempre procurou a verdade na forma de um sistema mais ou menos complexo ordenado pelo pensamento lógico e formal.

Nietzsche desfaz esta idéia de uma filosofia sistemática totalizante e trabalha a imagem de uma filosofia vital aforismática. Uma filosofia que fala a linguagem da vontade de poder. Fragmentada e articulada na forma de rede. Um passo além e é a própria noção de verdade que é colocada em questão. A verdade, agora, está na vontade, não na razão. Esta é frágil e se engana muito facilmente.

Por estas e outras razões, Nietzsche foi e é ainda hoje um dos pensadores mais controvertidos da história da filosofia. O que importa, em todo caso, quando se trata de um filósofo, não é somente as verdades que suas idéias possam revelar, mas também o fato de um pensamento indomável que nos inspira. Inspira a pensar.

E é isto que nos faz respirar.

* Artigo publicado originalmente no Segundo Caderno do jornal Zero Hora, por ocasião do centenário da morte de Nietzsche (2000).